

## ESTRELINHA, ESTRELINHA.

KELLY GARNETT

Quando eu tinha cinco anos, tomei um gosto todo especial pelos brinquedos de minha irmã. Pouco importava que eu tivesse um baú cheio de bonecas e brinquedos só meus. Seus tesouros de "menina grande" eram muito mais atraentes.

Da mesma forma, quando eu tinha dez anos e ela doze, os brincos, a maquiagem que ela começava a usar me fascinavam, transformando minha obsessão anterior em capturar insetos numa lembrança cada vez mais remota.

Essa tendência continuou ano após ano e - a não ser por algumas manchas roxas e ameaças de "cortes de cabelo" radicais enquanto eu dormia - minha irmã lidou com ela com tolerância. Mamãe vivia repetindo para ela, quando comecei o primeiro grau usando suas presilhas de cabelo novas, que aquilo era, na realidade, um elogio ao seu bom gosto. Mamãe disse-lhe, quando comecei o segundo grau vestindo as suas roupas, que um dia ela acharia graça e me lembraria de que ela era a mais chique de nós duas.

Eu sempre tinha admirado o bom gosto de minha irmã, mas essa opinião chegou ao auge quando ela começou a trazer rapazes à nossa casa. Eu convivía com um desfile constante de meninos de dezesseis anos passando pela sala, servindo-se de comida na cozinha ou jogando basquete na entrada da garagem.

Recentemente, eu me dera conta de que meninos não eram tão "eca" como eu achava antes e que pegar uns germezinhas deles talvez não fosse tão nojento assim. Mas os garotos do primeiro ano, que tinham a minha idade e que me faziam dar risadinhas nervosas nos jogos de futebol, de repente me pareciam jovens demais. Não podiam dirigir ou usar as jaquetas do time principal da escola. Os amigos de minha irmã eram altos e engraçados. Embora ela tentasse de todas as maneiras se livrar de mim, eles sempre eram simpáticos comigo, mesmo enquanto ela me empurrava porta afora.

De vez em quando, eu dava sorte e eles passavam lá em casa quando ela não estava. Um deles, em especial, batia longos papos comigo antes de sair para fazer as coisas que garotos de dezesseis anos faziam (isso ainda era um mistério para mim). Ele falava comigo como falava com todo mundo e não como quem fala com uma criança, com a irmãzinha de uma amiga... E sempre me dava um abraço de despedida antes de ir embora.

Não foi surpresa alguma que eu logo estivesse totalmente tonta por ele. Minhas amigas diziam que eu não tinha a menor chance com um rapaz do terceiro ano. Minha irmã parecia preocupada com a possibilidade de eu ter o meu coração partido. Mas ninguém escolhe por quem se apaixona: se ele é mais velho ou mais novo, mais alto ou mais baixo, o seu completo oposto ou igualzinho a você. Quando estava com ele, as emoções me atropelavam como uma carreta e eu sabia que era tarde demais para tentar ser sensata: eu estava apaixonada.

Isso não significava que não me desse conta da possibilidade de rejeição. Eu sabia que estava arriscando os meus sentimentos e o meu orgulho. Tinha consciência de que, se não lhe desse o meu coração, não haveria a menor possibilidade de ele o partir... mas também eu não correria o risco de perdê-lo.

Certa noite, antes de ele ir embora, ficamos sentados na varanda de frente da casa conversando e procurando estrelas no céu. Ele olhou para mim muito

sério e perguntou se eu acreditava em fazer pedidos para as estrelas. Surpresa, mas igualmente séria, respondi que nunca havia tentado.

- Bem, então chegou a hora de começar - declarou, apontando para o céu.  
- Escolha uma e peça aquilo que você mais quer.

Olhei para cima e escolhi a mais brilhante que pude achar.

Fechei bem os olhos e senti o que parecia ser uma colônia inteira de borboletas em revoada dentro de meu estômago. Pedi coragem. Abri os olhos e me deparei com seu sorriso diante de meu intenso esforço para fazer o pedido. Ele me perguntou o que eu havia pedido e, quando respondi, me pareceu perplexo.

- Coragem? Para quê? - indagou.

Eu respirei fundo uma última vez e respondi:

- Para fazer isto. - E eu o beijei. Beijei aquele rapaz de dezesseis anos, com carteira de motorista e jaqueta do time principal da escola. Aquilo foi de uma bravura que jamais imaginei possuir, uma força que atribuí integralmente ao meu coração - força esta que dominou a minha mente e tomou o controle da situação.

Quando me afastei, vi o ar de espanto em seu rosto, uma expressão que se transformou em sorriso e, a seguir, em riso.

Depois de procurar o que dizer durante o que me pareceram ser horas, ele tomou minha mão e declarou:

- Bem, parece que demos sorte esta noite. Tanto o meu desejo quanto o seu se tornaram realidade.